

Agradeço o prestígio que todos vocês emprestam a esta solenidade. Eu já havia tentado – e o presidente é testemunha – marcar duas outras datas para esta posse. Mas como a presença do meu filho era vital – já que minha filha, genro e netos moram na Nova Zelândia –, perguntei ao Vítor quando lhe seria possível vir de Cuiabá, onde está residindo. E ele disse “dia 21”. Ao agendar, percebi que exatamente hoje faria dois meses de uma cirurgia delicada no crânio a que me submeti em 21 de março. E só uns dias depois me dei conta de que eu seria titular da cadeira de número 21! Não busquei nos astros ou na numerologia o significado desta conjunção de fatores; a resposta encontrei dentro de mim: este dia 21¹ representa boa fortuna, júbilo, emoção! Este 21 é auspicioso e significa o início de outra etapa de vida, com mais saúde, mais tranquilidade, com novas metas e novos amigos!

Das novas amigadas aqui na Academia, quero distinguir duas mulheres: Lélia Pereira Nunes, a quem conheci rapidamente em 2007, quando me autografou seu livro *Caminhos do Divino*; e a professora de português Ana Bessa, nosso apoio logístico nesta Casa. Espero também ter um convívio mais próximo com a querida acadêmica Urda Klueger. E a Leatrice Moellman agradeço o voto e a simpatia à distância.

Minha primeira manifestação é sobre elas por figurarmos em número bem menor: sou a oitava mulher a ocupar uma cadeira na Academia Catarinense de Letras. E, aproveito para acrescentar, uma titular que não traz livros de literatura no seu currículo! Essa peculiaridade causou certa celeuma entre os pares: “Como, apenas livros de ensino e discussão da língua portuguesa?” Felizmente a maioria entendeu, ou já tinha isso claro, que uma academia de letras tem cunho literário e linguístico; diz respeito ao uso estético da linguagem, e a boa literatura em prosa ou verso pressupõe a observância da ortografia e das normas gramaticais, o objeto das minhas publicações.

Confesso-lhes que tive a veleidade de ser escritora literária. Certa feita, há algumas décadas, escrevi um conto intitulado *Jogo de Cena*, e com ele participei de um concurso da revista Cláudia. Era no tempo do papel carbono. Mandeï o original, guardei a cópia numa pasta. Não recebi prêmio algum, obviamente, e esqueci o caso. Muitos anos depois, ao fazer uma arrumação no meu escritório,

¹ Depois de proferido o discurso, vim a saber que em 21 de maio se comemora o Dia do Profissional de Letras.

encontrei esse conto e o reli. Só continuei gostando do título; o conteúdo achei imprestável. Na mesma ocasião localizei o esquema de um romance que eu pretendia escrever: uma prévia de cada capítulo e o título, *Reminiscências*. Este mereceu o mesmo destino: o lixo!

Entretanto a literatura, em todas as suas formas, esteve e está sempre presente na minha vida, não só pelas leituras desde a infância, como também pela convivência, durante o meu percurso profissional, com escritores catarinenses, muitos dos quais são confrades a partir de hoje. Vou falar deles.

Entre os 31 acadêmicos homens, o primeiro que conheci foi Pinheiro Neto, colega da faculdade que então já elaborava seus poemas; e ali no curso de Letras da UFSC tive o gosto de ser aluna de José Curi e Celestino Sachet.

Depois da formatura, e já tendo lecionado inglês por cinco anos, fui trabalhar como redatora na Casa Civil. Era governador o colega acadêmico **Antônio Carlos Konder Reis**, cuja verve admirável nas suas falas de improviso mereceram uma compilação em quatro volumes chamados *Encurtando Distâncias*. A gravação dos discursos foi feita por uma equipe, e por outra equipe a revisão. A mim coube conferir o primeiro volume (sem ouvir o áudio, anoto), e nesse passo, de maneira inusitada, travei conhecimento com uma palavra linda. Quando levei a revisão para Konder Reis, ele folheou algumas páginas e, muito educado como sempre, me disse: “D. Tereza, nesta frase o certo não é *premissas*, e sim *primícias*!”

A certa altura, quando o palácio do governo se instalara no prédio onde agora é a Biblioteca Pública do Estado, o então Secretário da Casa Civil, **Salomão Ribas Júnior**, mandou me perguntar (e ele nunca soube a mudança que isso provocou na minha vida!) se se deveria usar o verbo no singular ou no plural nesta frase: *90% do funcionalismo vão ou vai receber aumento*. Hesitei, e acabei dizendo que era no plural por causa do número 90. Era certo, mas ao chegar em casa verifiquei que o singular podia ser igualmente usado: *o funcionalismo vai*. O constrangimento para mim foi que eu queria ter tido convicção nessa concordância! E veio daí minha determinação de conhecer a fundo a língua que não me haviam dado a conhecer suficientemente na escola. Então tratei de ler os mais de mil recortes que meu pai havia feito da coluna *No mundo das palavras*, de Celso Luft, publicadas diariamente no jornal Correio do Povo, de Porto Alegre. Consegui meu intento em alguns meses. Aliás, foi essa a inspiração para as colunas que publico no portal Língua Brasil, só que com periodicidade semanal.

Outro momento de inflexão aconteceu no dia da posse de Jorge Bornhausen no governo, em 15 de março de 1979. Logo depois da cerimônia, **João Nicolau Carvalho** me confia que o governador iria criar uma fundação de cultura e que ele seria o primeiro superintendente. Ato contínuo, me pergunta se eu gostaria de ser sua assistente. Ora, se não! Foi uma formidável mudança de rumo! Na Fundação Catarinense de Cultura, de onde sou aposentada, trabalhei ao lado de alguns confrades, cujos escritos comecei a ler, às vezes a revisar, e a admirar: Gilberto Gerlach, Jali Meirinho, Flávio Cardozo, Silveira de Souza e Miro Moraes (que posteriormente também dirigiu a FCC).

Foi no período de João Nicolau à frente da Fundação Catarinense de Cultura, tão fecundo para a poesia e a literatura de ficção, que fui apresentada ao sideropolitano **Deonísio da Silva**. Era março de 1980 e ele tinha vindo receber o prêmio de primeiro lugar no Concurso Virgílio Várzea de contos, lançado no ano anterior. Conversamos bastante e me coube ciceroneá-lo em Florianópolis. Dali nasceu uma amizade gostosa, sincera e acolhedora, que se estendeu à minha família. Muito obrigada, Deonísio, por seu apoio sempre e por me recepcionar nesta Academia com tanta alegria e carinho!

Ainda na FCC, incluindo o Conselho Estadual de Cultura, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente vários acadêmicos, bem como à sua obra: Amílcar Neves, C. Ronald, Apolinário Ternes, Oldemar Olsen, Artêmio Zanon, Rodrigo de Haro, Péricles Prade e Sérgio da Costa Ramos, que me honrou com o prefácio do meu livro *Só palavras compostas*.

Mais tarde, ministrando cursos de português, incursionei por outras áreas, como Tribunal de Justiça, Escola da Magistratura e jornal Diário Catarinense, tendo então a satisfação de conhecer João Alfredo Medeiros Vieira, Napoleão Xavier do Amarante, Gilberto Callado de Oliveira e Moacir Pereira, cuja atividade jornalística aprecio diariamente.

Aos poucos acadêmicos não mencionados aqui envio minhas saudações; e a todos, meus agradecimentos, na certeza de que, nesta congregação, eu terei muito a aprender, mais do que a ensinar.

A honra em me tornar uma “imortal” também se liga ao fato de a Cadeira 21 ter como patrono o religioso desterrense **Joaquim Gomes de Oliveira e Paiva**, que além de uma carreira eclesiástica – “A bênção, Arcipreste Paiva!” – preocupou-se sobremaneira com a Educação: ele foi o introdutor do ensino médio na então

província de Santa Catarina, tendo fundado o Colégio Belas Letras em 1850. De fato, um homem de ação: em breves 47 anos de vida (entre julho de 1821 e janeiro de 1869), foi deputado provincial em 11 legislaturas, jornalista, poeta e notável orador sacro. Sua maior obra escrita foi o *Dicionário Topográfico, Histórico e Estatístico da Província de Santa Catarina*, publicado em 2003 pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. “A bênção, Irmão Joaquim!”

O primeiro ocupante da Cadeira 21 foi **Joe José Luís de Martins Collaço**, que coincidentemente nasceu em Tubarão em 1889 e morreu no Rio de Janeiro em 1951, um mês depois de eu vir à luz... em Tubarão. De Joe Collaço eu só sabia que era nome de rua vizinha à minha no Jardim Santa Mônica. Ao pesquisar, constatei que ele foi advogado e político. Participou da administração do governador Hercílio Luz, de quem era genro. Como Secretário do Interior e Justiça, assinou em 1924 o Decreto nº 1721, que me chamou a atenção por tratar do magistério, que me é tão caro. Assim dispõe o artigo 1º: “*Fica reorganizada a Escola Normal, que terá, além do curso de professores, que é franqueado aos dois sexos, um curso de ciencias e letras destinado ao sexo feminino e um curso profissional também exclusivo para o mesmo sexo.*” Joe Collaço foi um dos fundadores do jornal O Estado, em 1915, e mais tarde teve seu próprio jornal, a Tribuna Popular. Era inegavelmente um homem cultivado, de largo conhecimento linguístico, mas na sua biografia não encontrei nenhum registro de livro publicado.

Meu antecessor na Cadeira 21 foi **Evaldo Pauli**, nascido em 1925 no município de Antônio Carlos. Eu o conhecia de vista e me lembro de sua figura discreta, coerente com seu apostolado de padre secular. Nos seus 89 anos de vida, Evaldo Pauli teve uma atuação tão conspícua em diversos campos e uma produção de livros tão extensa – da filosofia ao romance, passando pela estética – que seria impossível enumerá-los aqui. Mas creio que, além de eminente professor na Universidade Federal de Santa Catarina, ele se destacou por sua dedicação ao Esperanto, língua na qual escreveu cinco livros, dois deles traduzidos para o francês. Evaldo Pauli alcançou a imortalidade do espírito em 17 de agosto de 2014.

Por fim, quero prestar minha homenagem a um premiado poeta e saudoso amigo da família Queiroz, o joaçabense de coração **Miguel Russowsky**. Médico, enxadrista e empreendedor, sobretudo na região oeste de Santa Catarina, o Dr. Miguel não figurou nos quadros desta ACL; todavia, pertenceu à Academia Sul-Brasileira de Letras. Faleceu em 2009, aos 86 anos, tendo se consagrado como o maior sonetista brasileiro.

De Miguel Russowsky vou ler **Soneto Alexandrino**:

Se queres praticar soneto alexandrino,
Esquece do relógio em primeiro lugar.
É uma composição, que por não ser vulgar,
Põe rimas de cetim em versos de ouro fino.

Elegância ao dizer... Luzir de sol a pino.
Sonoras locuções num alto patamar.
Um verso a colorir o verbo “conjugar”
Usando tons sutis de beijos sem destino.

Quando ele escolhe “amor” por núcleo do poema,
“saudade” passa a ser um mero estratagema
Que o engenho em si dispõe para aquecer as almas.

E, sendo alexandrino, adquire um tal conceito,
Que a nossa língua o faz artístico e perfeito.
Para um soneto assim... Até Deus bate palmas!

Muito obrigada!

Maria Tereza de Queiroz Piacentini